

O QUE HÁ DE ERRADO NA ÁREA ACADÊMICA DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

Por que nossa produção acadêmica em Administração não tem nenhum impacto mundial? Paulo Prochno*

A área acadêmica de Administração no Brasil poderia ter um destaque mundial muito maior do que tem – mas vários fatores impedem que isso aconteça. Fiz meu doutorado fora e decidi voltar por um misto de idealismo e vontade de estar no Brasil. Mas, depois de cinco anos encontrando os problemas que vou resumir a seguir, desisti e vim para os EUA. A intenção não é criar polêmica – apenas trazer à tona a questão.

Não é falta de qualidade, certamente: as melhores escolas de Administração do Brasil têm alunos de alta capacidade, tão bons quanto os alunos das melhores escolas mundiais. E com professores que poderiam estar entre os mais respeitados mundialmente em suas áreas. Porém, vejo acadêmicos de enorme capacidade no Brasil tendo seu talento muitas vezes desperdiçado. Muitas razões levam a isso – a intenção aqui não é fazer uma lista exaustiva, nem tampouco objetiva: ela reflete minha experiência em escolas do Brasil, EUA e França, além da experiência de colegas em escolas na Ásia. Apresento três fatores:

O JOGO DOS PONTINHOS DA CAPES

Para mim, o fator que mais mediocriza a produção acadêmica brasileira. Toda escola que oferece programa de pós-graduação está sujeita à Capes para manter seus programas. Entre alguns outros critérios, os professores de cada escola de Administração que oferece mestrado e/ou doutorado têm que atingir uma média de pontos por pessoa para a escola ser considerada boa. Publicações contam pontos dependendo da qualidade do periódico.

Poxa, até aí tudo ótimo, um sistema de avaliação que dá incentivo para a produtividade. Mas, as escolas colocam pressões em seus professores para fazer pontos no curto prazo – o que faz com que ninguém queira correr o risco de submeter para os melhores periódicos, já que o ciclo para ter um artigo publicado neles leva de 2 a 5 anos. A consequência? Todo mundo finge que está fazendo algo importante, mas na verdade só está pensando em maximizar os tais pontinhos gerando quantidade (ao invés de qualidade).

EM TERRA DE ECONOMISTA, QUEM ADMINISTRA SE ESTRUMBICA

Nos EUA, professores de business school ganham pelo menos 50% a mais que professores de economia. Se isso é “certo” ou não sob ponto de vista de criação de valor, eu não sei – mas sempre que vejo economistas tentando ser científicos e errando feio em seus conselhos, acho que faz sentido os administradores anharem mais.

Já no Brasil, com sua eterna obsessão por fatores macro e sua paixão por previsões, economistas são reis: tem universidades onde professores de Economia ganham o dobro dos de Administração. Para alguém terminando o PhD em Economia, voltar para o Brasil não significa uma perda de salário. Já para o PhD em Administração, a diferença é grande, geralmente se ganha o dobro lá fora.

“Ah, mas no Brasil os salários são mais baixos mesmo”. Hmm. Isso não é verdade para muita gente. Banqueiro ganha a mesma coisa no Brasil que nos EUA, consultor ganha mais, diretor ganha a mesma coisa ou mais... Por que o professor de Administração tem que ganhar metade ou menos?

AULAS, AULAS, AULAS

Um professor nas melhores escolas de administração dos EUA ou Europa tem uma carga horária entre 75 e 120 horas de aula, por ano. No Brasil, mesmo as escolas muito generosas pedem no mínimo mais que o dobro disso. E há casos que chegam a mais de 500 horas/ano.

O que o professor das melhores escolas do mundo faz no resto do tempo? Produz artigos, visita empresas, conversa com executivos, dá palestras, viaja, apresenta ideias, expande as fronteiras do conhecimento. Planeja com cuidado seus cursos. Sobretudo aprende, para fazer com que seus alunos aprendam mais.

O que o professor no Brasil faz com o que resta do seu tempo? Dá mais aulas, para aumentar seu salário e faz pontinhos para a Capes ficar feliz e os burocratas poderem mostrar a pretensa “pujança” do nosso ambiente acadêmico.



*Paulo Prochno leciona na Robert H. Smith School of Business da Universidade de Maryland (EUA). É também coordenador adjunto do departamento de gestão e organizações da escola